

# **Quando se alimenta o orixá, também se alimenta seu egbe: Uma etnografia no campo alimentar ancestral de terreiro e o seu impacto social.<sup>1</sup>**

Mariana Rodrigues dos Santos (UFAL/AL)

Palavras chaves: ancestrais, alimentação, candomblé.

## **Introdução**

Este estudo surgiu através da pesquisa em construção da dissertação realizada no mestrado em Antropologia, que tem como intuito principal a discussão sobre comida votiva dos orixás partindo da pesquisa em campo no terreiro Ilê Axé Yakelomimpandá, localizado em Maceió. A minha inserção no campo se inicia como filha de santo e, posteriormente, como pesquisadora do meu próprio campo. O terreiro se localiza no bairro periférico do Village Campestre, parte alta da cidade de Maceió, e se organiza a partir de uma agenda de atividades. O terreiro tem sua funcionalidade com os dias de consultas pré - determinados pela yalorixá<sup>2</sup> da casa, seguindo as funções ritualísticas internas apenas para os familiares, e, sempre no último sábado realiza-se a festa do Orixá pertencente àquele mês. Com isso, proponho trazer, a partir da minha perspectiva, um breve diálogo sobre os processos de alimentação.

O processo de construção de um modo de se alimentar designa o modo de viver de um povo, seu comportamento e suas práticas no modo de fazer o alimento e tudo aquilo que se entende sobre o alimento. Montari (2008) entende a comida como cultura e nos explica em 3 etapas como isso acontece:

A comida é cultura quando produzida, porque o homem não utiliza apenas o que encontra na natureza (como fazem todas as espécies animais), mas ambiciona também criar a própria comida, sobrepondo a atividade de produção à de predação. Comida é cultura quando preparada, porque, uma vez adquiridos os produtos - base da sua alimentação, o homem os transforma mediante ao uso do fogo e de uma elaborada tecnologia que se exprime nas práticas da cozinha. Comida é cultura quando consumida, porque o homem, embora podendo comer de tudo, ou talvez justamente por isso, na verdade

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

<sup>2</sup> Mãe responsável pelos filhos dentro da casa de candomblé

não come qualquer coisa, mas escolhe a própria, com critérios ligados tanto às dimensões econômicas e nutricionais do gesto quanto aos valores simbólicos de que a própria comida se reveste. Por meio de tais recursos, a comida se apresenta elemento decisivo da identidade humana e como um dos mais eficazes instrumentos para comunicá-la. (Montari, 2008, p. 18)

Dessa forma, o sistema alimentar se compõem por meio das formas estabelecidas de acordo com a cultura de um povo, suas técnicas, seus insumos, seus hábitos e seu sentido de comer completam as diversas formas de cultura que conhecemos pelo mundo. Falar no sentido da alimentação nos leva a cada universo alimentar particular das pessoas para que possamos compreender a construção alimentar de cada ser. Mas para Cornelli (2007) não se trata, claramente, de pensar uma experiência sensorial, dos sentidos neste sentido. E sim um sentido filosófico, que carregue a significação de verdade, de caminhos para compreender (Cornelli, 2007).

É a partir desses caminhos para se compreender a alimentação humana que Cornelli nos leva a entender sua proposta. Com isso, podemos enxergar as diversas maneiras de se comer das comunidades existentes, como por exemplo, no Brasil. É possível identificar a cultura de alguém pelo seu modo de comer, esses modos que constituem o Brasil. No entanto, quando nos debruçamos a fundo na alimentação dos brasileiros, podemos perceber através de seus costumes uma herança cultural constituída a partir da base alimentar brasileira herdadas por povos originários e tradicionais. O que também se incorpora a essa herança são também produtos e costumes trazidos pelos europeus no período colonial.

A alimentação brasileira é profundamente marcada pelos processos de colonização, escravidão e imigração. Os ingredientes, técnicas culinárias e pratos que hoje são fundamentais na culinária brasileira têm suas raízes nesses contextos históricos. A construção alimentar de uma nação é um reflexo da identidade cultural e das influências históricas e sociais que moldam uma comunidade específica. Essas diferentes influências trazidas em diversos momentos através dos negros que trouxeram múltiplos elementos da África para o Brasil e ao coadunarem suas matrizes com outros elementos culturais aqui existentes fundaram uma nova teia de relações culturais (Alves, 2019). É uma parte fundamental da herança cultural e pode desempenhar um papel importante na coesão social e na transmissão de tradições de geração em geração. As práticas alimentares são frequentemente enraizadas em tradições antigas, que podem ter

se desenvolvido ao longo de séculos de história. Isso inclui festividades, rituais religiosos e práticas sociais que envolvem comida. Muitos alimentos no Brasil têm significados simbólicos e são consumidos em rituais sociais e religiosos. Como no candomblé, onde pude perceber a partir da vivência em terreiro os modos de comer, da comunidade e das entidades.

Dessa forma, proponho um debate sobre a valorização da alimentação ancestral de terreiros e suas derivações disponíveis em nossa alimentação diária, e, também sua inserção nos campos de saberes para que possamos falar sobre a história da alimentação brasileira sem precisarmos ocultar informações que fazem parte da história construída pelos escravizados que aqui habitaram. Trazendo o debate a respeito do preconceito religioso e racial no contexto alimentar dos terreiros de candomblé. Para isso, através do meu campo de pesquisa sobre a alimentação votiva dos orixás no candomblé, trago minhas percepções juntamente com referências que dialoguem juntamente com o que está sendo proposto na pesquisa.

### **Os obstáculos que permeiam a história**

O grande obstáculo que as religiões de matriz africana passam, é através do racismo, que vem tentando impedir que os conhecimentos de pessoas pretas aqui escravizados desde o período escravista sejam perpetuados, como, por exemplo, a partir do candomblé. Dessa forma, surge derivado desse movimento de preconceito, o racismo religioso, que sempre esteve na funcionalidade de se sobrepor em cima de toda uma comunidade de pessoas pretas que também foram responsáveis na construção da cultura alimentar como a do Brasil. A partir do diálogo dos mais velhos dentro do terreiro, sendo pertencente da religião, é possível enxergar que o racismo religioso no Brasil exerce o papel discriminatório que se manifesta através de preconceitos e violências direcionados às práticas, crenças e às próprias pessoas pertencentes a determinadas religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda. Desde os tempos coloniais, as religiões de matriz africana enfrentam perseguição e intolerância. Durante o período da escravista, as práticas religiosas africanas foram reprimidas pelos colonizadores e pela Igreja Católica. Muitas vezes, as religiões de matriz africana são estigmatizadas e associadas a práticas "primitivas", de bruxaria" ou "de feitiçaria". Esses estereótipos perpetuam ideias falsas e negativas sobre essas tradições religiosas.

Surgindo uma resistência nos ouvintes quando se trata no falar da religião ou até mesmo dos alimentos ancestrais que compõem a religião.

A construção do racismo religioso se dá ao racismo estrutural, que toma origem a partir do termo raça. Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado (Almeida, 2019). É importante compreendermos o caminho que foi sendo estruturado em relação ao racismo religioso através do termo raça. Para Silvio:

O que se pode dizer com mais segurança é que seu significado sempre esteve de alguma forma ligado ao ato de estabelecer classificações, primeiro, entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos. A noção de raça como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do século XVI. (Almeida, 2019, p.18)

Então quando falamos sobre algum estilo de vida, religião ou costume de uma comunidade, principalmente as do candomblé, há quem sempre utilize de seu “conhecimento” formado por conceitos históricos por uma única visão de enxergar os diversos costumes de uma comunidade. Por tanto, por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. (Almeida, 2019). O que de fato nos leva ao racismo. Segundo Silvio de Almeida:

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (Almeida, 2019, p. 22)

Ou seja, o racismo se articula a partir da classificação das pessoas partindo dos grupos a qual pertencem. Podemos compreender os comportamentos das pessoas em relação por exemplo, aos alimentos ancestrais de terreiros de candomblé que fazem parte da prática ritualística da religião formada por pessoas pretas. É importante tomar iniciativas educacionais, campanhas de conscientização e mobilizações políticas como estratégias para se combater o racismo religioso. Essa é uma prática a qual insisto nos discursos sobre alimentação votiva dos Orixás.

O Candomblé e tudo que envolve os rituais da religião tem um impacto social significativo em várias comunidades, especialmente nas comunidades afrodescendentes do Brasil. Assim, esse impacto social percorre um caminho partindo da preservação cultural, onde o candomblé desempenha um papel crucial na preservação das tradições culturais africanas, incluindo línguas, músicas, danças, rituais e mitologia. É especialmente importante em comunidades onde há um histórico de marginalização cultural e tentativa de apagamento das culturas africanas. O que também está atrelado a esse impacto social é o seu fortalecimento da identidade, que para muitos praticantes, o candomblé não é apenas uma religião, mas também um aspecto central de sua identidade étnica e cultural. Ele proporciona um senso de pertencimento e uma conexão com as raízes africanas que foram historicamente suprimidas.

A religião compõe uma rede de apoio comunitário frequentemente, funcionam como centros comunitários que os membros encontram apoio social, emocional e prático. Incluindo ajuda mútua em momentos de dificuldade. Assim, responsável por uma lista vasta de consequências desde a resistência e empoderamento, dessa forma, a prática do candomblé muitas vezes é vista como um ato de resistência contra a opressão histórica e uma forma de empoderamento cultural. É uma maneira de afirmar a identidade afrodescendente e desafiar estereótipos e preconceitos. Assim, havendo uma contínua contribuição para o pluralismo religioso que a religião enriquece o panorama religioso e espiritual das sociedades na prática, promovendo esse pluralismo e o diálogo inter-religioso. Podendo levar a uma maior tolerância e compreensão entre diferentes grupos religiosos. Tendo em vista também que o candomblé não apenas desafia visões históricas eurocêntricas dominantes, mas também desempenha um papel vital na promoção da diversidade cultural, na resistência cultural e no fortalecimento da identidade afrodescendente em várias sociedades ao redor do mundo.

### **Memória da alimentação ancestral de terreiros e suas derivações disponíveis em nossa alimentação diária**

Quando falamos de memória, precisamos entender que ela tem uma função importante quando se trata das religiões de matriz africana. Diferentes de religiões cristãs, por exemplo, não temos livros bases para guiar dinâmicas e formas de dialogar com o sagrado, mas estruturamos nosso saber através da oralidade, em que a memória ganha um espaço central na estruturação da religião. Como menciona Martins, Braga

Júnior e Martins (2024), a memória é o ato de recordar, um aspecto importante na construção identitária do candomblé, em que os ensinamentos são passados pela oratória, e tais ensinamentos estruturam a identidade de um terreiro e seus filhos, tornando o candomblé uma religião dinâmica, em que cada terreiro tem suas particularidades.

A exemplo desse movimento do aprendizado resultante da memória está o ajeum<sup>3</sup>, é como eu e meus irmãos chamamos a comida dentro do terreiro a partir dos ensinamentos dos mais velhos através da oralidade. O ensinamento passado do mais velho para o mais novo é muito comum nas religiões de matriz africana. Desse modo, esse método permite resgatar histórias que frequentemente não são registradas em documentos oficiais ou que refletem perspectivas marginalizadas e experiências subalternas como acontece com o candomblé e umbanda, por exemplo. Também é utilizado como abordagem por pesquisadores para a coleta de relatos pessoais. Para Meihy (2005), a utilização da história oral é também um meio de aprendizagem além das leituras.

O sujeito de pesquisa nesse sentido é sempre mais coletivo, menos individualizado, e por isso, a carga da tradição comunitária é mais prezada e presente, porque é continuada. [...] a tradição oral é de execução mais lenta e exige conhecimento do conjunto mitológico a partir do qual a comunidade organiza sua visão de mundo. [...] Um conjunto de mitos ajuda no estabelecimento de pressupostos abertos à construção dos documentos e a análise das tradições orais. Princípios mitológicos orientam a percepção sobre o fundamento e o destino de comunidades. (Meihy, 2005, p. 166-167)

Desse modo, a história oral valoriza as narrativas individuais e as memórias das pessoas como fontes históricas válidas e ricas, com isso, é possível conhecer os saberes e sabores da cozinha de santo partindo dos conhecimentos passados através da oralidade, mantendo assim as tradições vivas. Seja a comida para nos alimentarmos ou para serem servidas aos orixás em formas de oferendas. O alimento não tem apenas o objetivo de nutrir o nosso corpo, mas também se apresenta como tendo outros objetivos, sentido e significados através das ciências humanas e sociais (Alves, 2019). Com isso, é possível compreender olhando para as oferendas dos orixás que esse alimento tem um objetivo de nutrir, mas não o corpo físico, e sim o espiritual. E isso é passível de

---

<sup>3</sup> Comer junto

percepção devido à vivência dentro do terreiro a partir da dinâmica da feitura do alimento votivo, um alimento sagrado para os adeptos da religião.

As comidas sagradas dos orixás no Candomblé têm um papel fundamental tanto dentro da prática religiosa quanto no contexto mais amplo do conhecimento cultural e alimentar. Quando pensamos em comida votivas, somos levados à cozinha de terreiro. Onde essa cozinha ritualística é organizada seguindo critérios de utilização no preparo de muitos pratos constituintes dos cardápios dos deuses africanos (Lody, 2012). Essa cozinha sagrada é preparada e organizada conforme cada particularidade da casa de axé. Existem vários formatos e modos de execução quando se trata das formas de cozinhar para os orixás. É comum observarmos nessas cozinhas sagradas a presença do fogão a lenha, e, ainda, de muitos fogareiros e outros tipos de fogões. Os muitos utensílios são colocados nas mesas ou bancas (Lody, 2012). Havendo diversas maneiras de contribuição para o nosso conhecimento da comida sagrada, do conhecimento histórico e cultural podemos entender que cada orixá no candomblé possui suas preferências alimentares específicas, que são baseadas em mitos e histórias associadas a esses deuses.

Estudar essas comidas nos permite entender melhor as tradições alimentares das culturas africanas que deram origem ao candomblé, bem como suas adaptações e evoluções ao longo do tempo no contexto brasileiro. Carregada de simbolismo e significado ritualístico, as comidas sagradas no candomblé não são simplesmente alimentos, são uma simbologia a partir dos rituais da religião. Para Lody :

O candomblé é, sem dúvida, o reduto de grande significado para a sobrevivência da cozinha, onde as atitudes rituais e as maneiras de preparar os alimentos estão repletas de significados econômicos e sociais, sendo de alta importância para uma comunicação em linguagem própria - a comida. (Lody 2012, p. 31)

As comidas são oferecidas aos orixás como parte dos rituais religiosos, simbolizando a comunhão espiritual entre os praticantes e os deuses. Estudar esse simbolismo nos ajuda a compreender as cosmologias e sistemas de crenças do candomblé. A religião ensina que a comida não é apenas uma necessidade física, mas também desempenha um papel crucial na nutrição espiritual. As comidas sagradas são preparadas com cuidado e respeito, muitas vezes seguindo prescrições específicas, como restrições alimentares (tabus) e preparos rituais. Isso nos faz refletir sobre as conexões entre alimentação,

saúde espiritual e bem-estar. Comer equivale a viver, a manter, a ter, a preservar, a iniciar, a comunicar, a reforçar memórias individuais e coletivas (Lody, 2012). Como por exemplo os modos de preparo da comida sagrada, os rituais que se alimentam e sua ordem de alimentação e as histórias como um todo, para que os saberes nunca morram. É como a comida funciona dentro dos terreiros, mantendo todas essas equivalências a partir dos rituais que envolvem a comida. Através da comida é possível a transmissão de conhecimento cultural partindo da preparação das comidas sagradas e que são transmitidas oralmente e através de práticas tradicionais dentro das comunidades de candomblé. Estudar essas práticas não apenas preserva o conhecimento cultural ancestral, mas também promove um entendimento mais profundo das dinâmicas sociais e comunitárias dentro dessas comunidades.

Nos terreiros de candomblé, afirma-se que “tudo come”, do chão, de onde partem os alicerces, à cumeeira. Em outras palavras, tudo recebe comidas especiais, preparadas de acordo com as regras prescritas pela tradição de cada comunidade (Junior, 2014). Assim, tudo na casa de candomblé se alimenta. Desde o chão a partir da mina axé<sup>4</sup>, até as o que se encontra no alto, como a cumieira<sup>5</sup> da casa. A comida é entendida como força, dom, energia presente nos grãos, raízes, folhas e frutos que brotam da terra. Algo cheio de sentido e sentimentos, elementos impressos pelo devoto (Junior, 2014). Esses sentidos norteiam a natureza e a terra, que são cultuados na religião. O alimento votivo dentro dos terreiros se torna oferenda dada por agradecimento, assim, se presenteia o orixá através de seu alimento de agrado. A oferenda nos permite interação com o sagrado, sentimentos e energia. Na comida, ainda se afirma encontrar a energia máxima de uma oferta, o que justifica a frase: “ninguém é tão pobre que não tenha o que dar” (Junior, 2014). Recebemos e damos, essa troca nos liga com o orixá. E o que se aprende a partir das práticas religiosas também se perpetua para o exterior dos terreiros.

A partir do alimento ancestral de terreiro, é possível enxergar a forte influência na gastronomia e cultura alimentar em nosso país, com isso, as comidas sagradas no candomblé podem influenciar a gastronomia brasileira e regional, pois ingredientes e técnicas de preparo podem ser compartilhados e adaptados. Além disso, elas contribuem para a diversidade da cultura alimentar brasileira, mostrando como diferentes tradições

---

<sup>4</sup> Cavidade feita no chão centralizada no salão da casa de candomblé onde são colocados alguns objetos que são chamados de fundamentos

<sup>5</sup> Objeto que fica acima da mina pendurado no teto do terreiro onde são colocados objetos que também são chamados de fundamentos.

culturais se entrelaçam e se enriquecem mutuamente. Assim, existindo um diálogo intercultural e uma integração social ao estudar as comidas sagradas dos orixás no candomblé abrindo espaço para um diálogo entre culturas mais amplo, promovendo o entendimento e a apreciação das diferentes práticas religiosas e culturais no Brasil. Isso pode contribuir para uma maior coesão social e respeito à diversidade religiosa e cultural. Em resumo, as comidas sagradas dos orixás no candomblé são uma fonte rica de conhecimento que abrange aspectos históricos, culturais, espirituais e alimentares. Estudar essas práticas não apenas enriquece nosso entendimento acadêmico, mas também fortalece o respeito e a valorização das tradições religiosas e culturais afro-brasileiras a partir do conhecimento.

O conhecimento do Candomblé pode ser inserido no campo do saber de diversas formas, contribuindo para áreas acadêmicas, sociais e culturais, assim, para os estudos culturais e antropológicos sobre o candomblé oferecendo percepções profundas sobre as culturas africanas, suas crenças, práticas religiosas, estruturas sociais e sistemas de conhecimento. Segundo Verger (2012):

Candomblé é o nome dado na Bahia às cerimônias africanas. Ele representa, para seus adeptos, as tradições dos antepassados vindos de um país distante, fora do alcance e quase fabuloso. Trata-se de tradições mantidas com tenacidade, e que lhes deram a força de continuar sendo eles mesmos, apesar dos preconceitos e do desprezo de que eram objeto suas religiões, além da obrigação de adotar a religião de seus senhores (Verger, 2012.p.24).

Estudos antropológicos e culturais podem explorar como o candomblé influencia identidades culturais, rituais de cura, relações de gênero, entre outros aspectos. A partir da história e dos estudos religiosos, o candomblé possui uma história com nuances distintas que pode ser estudada para entender a diáspora africana, as formas de resistência cultural e a adaptação das tradições religiosas no contexto das Américas. Estudos religiosos podem explorar as semelhanças e diferenças entre o candomblé e outras religiões afro-diaspóricas, assim como suas modificações ao longo do tempo.

A religião do candomblé pode ser estudada sob a perspectiva das ciências sociais para entender suas relações com questões de poder, identidade e política em sociedades pluralistas. Isso inclui investigar como as práticas religiosas como o candomblé influenciam a formação de comunidades, o ativismo social e político, e a luta contra o racismo e a discriminação. O que também é possível da religião, são as

manifestações artísticas dentro do candomblé, como dança, música, arte visual e poesia, são formas importantes de expressão cultural. Estudos artísticos podem explorar como essas formas de expressões são usadas para transmitir significados religiosos e culturais dentro das comunidades de praticantes, assim, se estendendo para fora dela também. O diálogo sobre as manifestações que ocorrem a partir da religião pode exercer um papel fundamental a partir da educação e do diálogo inter-religioso, levando o conhecimento do candomblé a ser incorporado à educação para promover a diversidade religiosa e cultural nas escolas e universidades. Isso pode incluir programas educacionais que ensinam sobre as religiões afro-brasileiras, contribuindo para uma compreensão mais ampla da diversidade religiosa na sociedade.

Em suma, o conhecimento do Candomblé não apenas enriquece o campo acadêmico com uma perspectiva cultural única, mas também promove uma maior compreensão da diversidade religiosa, fortalecendo com o diálogo sobre a religião, e contribuindo para a uma construção da compreensão mais inclusivas e respeitadas com suas múltiplas tradições das religiões de matriz africana. Para além, esses registros servem como um arcabouço importante para pessoas da própria religião, agrupando a memória daqueles que nos antecederam com as dinâmicas atuais que vivenciamos.

### **Considerações finais**

As tradições do candomblé são extremamente importantes para o Brasil por diversas razões como a preservação da cultura afro-brasileira, onde o candomblé é uma das principais manifestações religiosas das culturas afro-brasileiras, trazendo consigo não apenas práticas religiosas, mas também elementos culturais. Essas tradições são fundamentais para preservar a história e a identidade das comunidades afrodescendentes no Brasil, que contribuíram significativamente para a formação da sociedade brasileira. Essa contribuição é também importante para a diversidade religiosa, onde o Brasil é conhecido por suas religiões diversas, e o candomblé desempenha um papel crucial nesse cenário, onde ainda hoje o cristianismo é dominante. Mas com as religiões de matriz africana, é possível enriquecimento do panorama religioso do país. Isso promove a tolerância religiosa e o respeito pela diversidade espiritual entre os brasileiros.

Como também é possível enxergar em várias regiões do Brasil, que o candomblé atrai turistas interessados em explorar a cultura afro-brasileira e suas tradições religiosas. Isso não apenas fortalece o turismo cultural como também contribui

para a economia local através de celebrações, festivais e comércio de artesanato e produtos religiosos. No entanto, a religião ainda vem lutando por direitos e reconhecimento, onde o reconhecimento das tradições do Candomblé como patrimônio cultural imaterial é uma forma de garantir seus direitos e promover sua valorização na sociedade brasileira. Isso inclui a proteção contra discriminação religiosa e o apoio à preservação das práticas tradicionais. Em resumo, as tradições do Candomblé são vitais para o Brasil por sua contribuição para a diversidade cultural, resistência histórica, afirmação identitária e enriquecimento espiritual e artístico da nação. Eles representam um legado vivo das culturas africanas no Brasil sendo um elemento fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com suas múltiplas heranças culturais. Por fim, reforço que esse trabalho surge a partir do campo de pesquisa ao qual estou inserida para elaboração da dissertação, visando como objetivo a perpetuação de informações a respeito do candomblé através dos alimentos votivos.

## Referências

- ALVES, L. C. **Onje**: Saberes e práticas da cozinha de santo. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 151p, 2019.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual da História Oral**. Edições Loyola. São Paulo. 2005.
- MARTINS, Victor Hugo Silva; BRAGA JUNIOR, Amaro Xavier; MARTINS, Silvia Aguiar Carneiro. A memória e a construção de itinerários terapêuticos: etnografia no Centro Espírita William Crookes em Maceió (AL). **Ambivalências**, São Cristóvão-SE, v. 12, n. 23, p. 195–218, 2024. DOI: 10.21665/2318-3888.v12n23p195. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/Ambivalencias/article/view/n23p195>. Acesso em: 9 jul. 2024.
- MIRANDA, D. S. D. CORNELLI, G. **Cultura e Alimentação**. Sesc: São Paulo, 2007.
- MONTANARI, M. **A comida como cultura**. Senac: São Paulo, 2008.
- LODY, R.. **Santo também come**. Pallas. Rio de Janeiro. 2012
- ALMEIDA, S. **Feminismos plurais**. São Paulo: Polen Livros, 2019.
- JUNIOR, V. C. S de. Comida de Santo e comida de branco. **Revista pós ciências sociais**, v, 00, n, 0, p. 127- 142. 2014. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/2872> Acesso em: 01 de abril. 2024